



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLITICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A melancolia em Walter Benjamin e em Freud

Maria Rita Kehl¹

Resumen:

En el año de 1917, Freud empleó la palabra melancolia para analizar una enfermedad mental que la psiquiatría llamaba, desde el siglo XIX, "psicosis maniaco-depresiva". La contribución de Freud fue decisiva para la comprensión psicoanalítica del "complejo melancólico-maniaco". Pero al designar con el significante "melancolia" una de las fases de esa psicosis, Freud hizo una importante ruptura entre el psicoanálisis y el valor de la melancolia en la tradición del pensamiento Occidental. Esa tradición fue preservada por un filósofo contemporáneo suyo, Walter Benjamin. La teoría de la melancolia atraviesa la obra de Benjamin, desde su tesis sobre "El drama barroco..." hasta su último escrito, "Sobre el concepto de Historia". La articulación entre melancolia y fatalismo es el objeto de mi ponencia.

¹ Psicoanalista y escritora, mrítak@uol.com.br



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A melancolia em Walter Benjamin e em Freud

A palavra melancolia, no Ocidente, designa uma estrutura de sensibilidade que caracteriza o sujeito que se vê em posição excêntrica frente à norma de sua época. Da Grécia homérica até o romantismo, passando por Aristóteles (O Problema XXX) e pela crise do renascimento, o melancólico era considerado como um *ser de exceção*, sujeito à alternância entre momentos de inspiração poética e ataques de fúria ou de inapetência para a vida. Segundo Jackie Pigeaud, a reflexão sobre a melancolia tem sido, desde Aristóteles, indissociável da pergunta sobre a criação estética.

Freud rompeu com esta tradição ao utilizar o significante “Melancolia” para inaugurar uma nova explicação psicanalítica para a chamada “Psicose Maníaco Depressiva” (Kraepelin). Mas ao trazer para o campo da psicanálise, sob o nome de melancolia, a explicação desta forma alternada de depressão e mania, Freud apartou-se da longa tradição de pensamento que articulava o melancólico à cultura e à criação artística.

No intuito de contribuir para o debate contemporâneo sobre as depressões, fui buscar em Walter Benjamin elementos para compreender a relação entre a melancolia dos antigos e a depressão, sintoma social do nosso século XXI. Walter Benjamin, cuja leitura da poesia de Baudelaire marcou definitivamente a recepção contemporânea da obra deste poeta, teria sido o último dos pensadores modernos a tomar a palavra melancolia no sentido pré-freudiano², ao relacionar o desencanto e a falta de vontade do melancólico diretamente ao efeito de um desajuste ou mesmo de uma recusa quanto às condições simbólicas do laço social. O romantismo tardio de Baudelaire – o último dos poetas românticos e o primeiro dos modernos – é interpretado por Benjamin como uma tentativa de superação do desencanto melancólico causado pelo fracasso das revoluções, pelo desalento do indivíduo diante de um tempo brutal cuja superação não se anunciava em nenhum horizonte.

² - O que não implica no desconhecimento da obra de Freud, como se pode observar em várias passagens de sua obra, a começar (para nosso interesse) pela reflexão sobre “Além do princípio do prazer”, incluída nos escritos sobre Baudelaire.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

De gênio a degenerado: o *spleen*, forma moderna da acedia, marcou o poeta-símbolo da melancolia moderna, Charles Baudelaire³. Na grande Paris, “capital do século XIX⁴”, a condição melancólica do sujeito moderno é representada pelo poeta *flâneur*, que vagueia em busca de fragmentos do passado (recalcado) na contra mão da multidão urbana composta de operários, de mendigos, de velhos, de bêbados, de prostitutas, de todos os desgarrados das formas comunitárias de pertencimento e amparo recentemente dissolvidas pelo capitalismo industrial. Em Baudelaire, a forma subjetiva do indivíduo já se completou: ele se vê isolado entre seus semelhantes, seus rivais, seus irmãos, todos tão desenraizados quanto ele. O *spleen* baudelaireano é próximo do tédio, mas não se confunde com ele. Parente da doce melancolia romântica, da “indolência natural dos inspirados⁵”, da dissipação produzida entre paraísos artificiais, o *spleen* conjuga gozo e desencanto, misantropia e gosto estético pelo mal, como nas melhores expressões da melancolia. Mas o isolamento do poeta tem também o sentido de resistência às formas de agenciamento que a modernidade promove para arrastar as multidões em sua rede.

“A modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável... Para que toda *modernidade* seja digna de se tornar antiguidade, é preciso que a beleza misteriosa que a vida humana ali coloca involuntariamente tenha sido extraída dela⁶”.

“Para viver a modernidade”, escreve Benjamin, “é preciso uma constituição heróica⁷”. “Viver a modernidade”, neste caso, significa não recuar diante dos desafios que ela propõe e não deixar-se enfeitiçar pelas maravilhas com que ela nos seduz: “Essa multidão se consome pelas maravilhas, as quais, não obstante, a Terra lhe deve⁸”. O heroísmo de Baudelaire não consiste em se fazer defensor da multidão fascinada e consumida pelas mercadorias e pelo trabalho braçal que a aproxima e

³ - No capítulo 1, estendo-me um pouco mais sobre análise de Walter Benjamin sobre poesia e melancolia em Baudelaire. Ver: Walter Benjamin: *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo* em: *Obras Escolhidas*, III. São Paulo, Brasiliense, 1989.

⁴ - Expressão de Walter Benjamin, título de um de seus ensaios sobre a modernidade em Baudelaire.

⁵ - A expressão é de Baudelaire, a propósito de Auguste Barbier. Apud Walter Benjamin, “Baudelaire” em: *Passagens*. Belo Horizonte UFMG, 2006, organização Willi Bolle, baseado na edição alemã organizada por Rolf Tiedemann para a Surkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1982. à p. 285.

⁶ - Baudelaire, comentário sobre a arte de Guys. Apud Benjamin, *Passagens...* cit, p. 285.

⁷ - W. Benjamin: *Charles Baudelaire...* (cit.) p. 73.

⁸ - Idem, idem.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

afasta do brilho das mercadorias. Consiste simplesmente em descrever de tal fascínio. O poeta que concorda de bom grado em perder a auréola do gênio consagrado entre as rodas das carruagens que trafegam pelos grandes boulevares⁹ conserva, no entanto, a distinção secreta de *non appartenir* à multidão com a qual se mistura. Daí o sentido político de seu dandismo. Daí a metáfora do albatroz com que se faz representar no poema de mesmo nome: o poeta se compara à ave cujas asas imensas lhe permitem voar como um imperador dos céus, mas que no convés do barco é motivo de chacota entre os marinheiros por seu andar torto, desajeitado¹⁰.

A matéria da melancolia, em Baudelaire, é a relação com o espaço público da cidade, marcado pela perda do pertencimento a formas comunitárias de convívio que a modernidade destruiu. Em Baudelaire consuma-se a idéia do Belo como objeto perdido. Mas seu trabalho não é a de recriar o sublime através dos fragmentos de uma unidade perdida, como na proposta dos românticos setecentistas. De acordo com Walter Benjamin, Baudelaire teria assumido para si a tarefa heróica de, através de sua poesia, emprestar uma forma simbólica à modernidade, este tempo cujo devir não se anuncia no horizonte. Baudelaire percebeu, muito cedo, que a modernidade é uma época disforme que se caracteriza por ser “o que menos se parece consigo mesmo”, pois o capitalismo desde sua origem revelou-se capaz de incluir as próprias forças que se opõem a ele entre as matérias primas de sua acumulação de riquezas. Dito em termos familiares ao leitor contemporâneo: a racionalidade aparentemente infinita do capitalismo consiste em fazer que as resistências do inconsciente trabalhem a seu favor, ao incluir as representações recalcadas como *valor agregado* às mercadorias. Mas disto, Baudelaire não poderia saber.

O trabalho hercúleo de Baudelaire teria sido o de, a partir dos restos e fragmentos de vida obsoleta catados no lixo das ruas, “dar forma à modernidade” de modo a que ela viesse, por fim, a se tornar antiguidade. Para isso, teria sido “o primeiro a romper com o público”, segundo Jules Laforgue¹¹. Teria o poeta, encarnação moderna

⁹ - Charles Baudelaire, “Perte d’auréole”. *Petits Poemes em Prose em*: Baudelaire, *Oeuvres Completes*. Paris: Seuil, 1968, p. 180.

¹⁰ - O poema termina assim: ...*Le Poete est semblable au prince des nuées Ou hante la tempête et se rit de l’archer; [Exilé sur le sol au milieu des huées] Ses ailes de géant l’empêchent de marcher*”. Charles Baudelaire, *Fleurs du Mal*, “L’Albatros” em: *OC*, p.45.

¹¹ - Apud Benjamin: *Passagens* (cit), p. 289.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

do herói, pago com a melancolia o preço de sua escolha? Ou a solução poética encontrada por Baudelaire, a invenção de uma lírica “fundamentada em uma experiência para a qual o choque se tornou norma¹²”, poderia ser entendida como tentativa de cura para a melancolia?

Melancolia e fatalismo

O melancólico benjaminiano pode ser entendido como um sujeito que se sente apartado da dimensão pública do Bem – seja porque, em decorrência do processo que o conduziu à definição de sua via individual, ele se desajustou, ou seja porque a hegemonia dos mandatos éticos e morais estaria migrando para outras instâncias de poder.

Dizer do desencontro entre o sujeito e o Bem equivale a afirmar que as condições *imaginárias* que permitiam aos membros das sociedades pré-modernas, elaborar suposições *compartilhadas*¹³ a respeito dos desígnios do Outro haviam perdido consistência e sustentação na cultura. O Outro, como instância puramente simbólica, é inconsciente. Os sujeitos nascidos nos primeiros séculos da era moderna, face à recém conquistada liberdade de escolher seus destinos, foram condenados a sustentar fantasmaticamente, individualmente, sua versão a respeito do Bem – ou seja, sobre o bem do Outro, que para o neurótico se confunde sempre com a moeda com que ele deveria pagar a dívida simbólica. É nessas condições que o Bem (do Outro), representado no psiquismo pelo *supereu*¹⁴, dissocia-se das representações do que seria, para o sujeito do desejo inconsciente, sua via desejante, singular.

¹² - W. Benjamin, *Charles Baudelaire... e* (cit). p. 110.

¹³ - Parto da suposição de que existe uma relação necessária entre neurose e individualismo. Embora concorde com Adorno sobre o caráter emancipador do individualismo, o indivíduo está condenado à neurose. Sua relativa independência em relação ao grupo a que pertence o obriga a construir sozinho, com os recursos da fantasia, sua versão da dívida simbólica, indissociável de sua compreensão a respeito do que seria o Bem para o Outro.

¹⁴ - Como herdeiro do complexo de Édipo, o *supereu* atualiza no psiquismo tanto a instância da Lei que interdita o incesto quanto a eterna esperança de (re)encontro com o gozo do Outro. Ver Lacan: “Kant com Sade” em: *Escritos* vol.....



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Na modernidade, esta busca até então coletiva se torna solitária; o (re)encontro com o Bem dependeria de um trabalho de criação individual. Uma invenção de destino. Este desajuste é o mesmo que estivera na origem de todas as formas anteriores de melancolia, como expressão do mal estar na cultura ocidental. Em Baudelaire, poeta da transição para a modernidade, o objeto da melancolia ainda não havia se privatizado. Seria um objeto perdido, sim, tal como Freud viria a descrever no século seguinte – porém, um objeto cuja natureza ainda dizia respeito a representações e sentimentos que relativos à vida pública (em oposição à privacidade familiar).

Benjamin afirma que Baudelaire, assim como tantos outros de sua geração, teria perdido a aposta nas transformações prometidas pela revolução francesa. Em Baudelaire, que participou ativamente dos confrontos de rua em 1830 e em 1848, a desilusão causada pelo fracasso da revolução produziu uma descrença progressiva em relação à ação política. Neste poema de *Mon Coeur Mis a Nu*, a descrença parece ter dado lugar a uma tentativa irônica de conformar-se, de encontrar uma “explicação” que tornasse menos vergonhosa a ascensão de Napoleão III, e menos impossível ao poeta conformar-se com ela:

Minha embriaguez em 1984. De que natureza era esta embriaguez? Gosto da vingança. Prazer natural da demolição. Embriagues Literária; lembrança de leituras. O 15 de Maio. Sempre o gosto da destruição. Gosto legítimo, se é legítimo tudo o que é natural. (...) Meu furor ante o golpe de Estado. Quantos tiros levei! Mais um Bonaparte! Que vergonha! E, tudo, no entanto, se pacificou. Não teria o Presidente um direito a invocar? O que é o Imperador Napoleão III. O que ele vale. Achar a explicação de sua natureza, e de sua providencialidade¹⁵.

Estamos muito longe do melancólico freudiano, cujo objeto perdido é, por natureza, inconsciente, pois diz respeito aos laços mais íntimos e precoces da vida familiar. A obra de Baudelaire estaria marcada, ao mesmo tempo, pela desistência da via política e pelo permanente combate contra a melancolia e o conformismo presentes

¹⁵ - Charles Baudelaire, “Mon Coeur Mis a Nu” (1864-1867) em: *Oeuvres Completes*. Paris, Seuil, 1968. (Tradução minha).

“Mon ivresse em 1848. De quelle nature était cette ivresse: Goût de la vengeance....etc.”, p. 631.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

na vida social de seu tempo - um tempo em que não se avistava nenhuma perspectiva de que o futuro pudesse construir alguma alternativa para as derrotas do presente¹⁶.

Em Walter Benjamin o romantismo designa uma estrutura de sensibilidade *social* que vai de Novalis a Baudelaire, de Rousseau aos surrealistas: o romantismo benjaminiano tem uma faceta revolucionária. Sua recusa da modernidade não é nostálgica, nem conservadora. Nas palavras de Michel Löwy, Benjamin interpreta o romantismo como uma “crítica à modernidade capitalista em nome de valores pré-modernos (...). Protesto contra os aspectos degradantes do capitalismo, reificação das relações sociais, dissolução da comunidade e desencantamento do mundo¹⁷”.

A contribuição mais valiosa de Benjamin, no que toca à hipótese que norteia o presente trabalho, é que para ele o desacordo entre o sujeito e seu Bem (que ele não nomeia assim) adquire o sentido da melancolia *fatalista*. Michel Löwy buscou em alguns textos capitais de Walter Benjamin, desde *Origem do drama barroco alemão*¹⁸ até as *Teses sobre o conceito de história*¹⁹, uma relação entre a melancolia e o fatalismo que considero valiosa para dialogar com a hipótese da relação entre a depressão e a demissão subjetiva encontrada em Lacan. Em *Origem...*, primeira obra importante de Benjamin, a acedia melancólica refere-se ao sentimento de um “mundo vazio” em que “as ações humanas são privadas de todo o valor”. A moral rigorosa do luteranismo seria em parte responsável por tal desvalorização da vida na terra²⁰, e o próprio Lutero teria sofrido de uma crescente depressão, nos dois últimos anos de sua vida. Para Benjamin, a exigência de submissão absoluta dos luteranos aos dogmas da fé abate o cristão:

¹⁶ - Walter Benjamin, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, cit. p. 88. Baudelaire, que queria ser lido como “um escritor da antiguidade”, representava a modernidade como “o que fica menos parecido consigo mesmo”. Um tempo que envelhece todos os dias, mas, por isso mesmo, não acaba nunca.

¹⁷ - Michel Löwy, *Walter Benjamin: Aviso de incêndio. Uma leitura das “Teses sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005. p. 18.

¹⁸ - Walter Benjamin, (1925), *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo, Brasiliense, 1984. Tradução de Sergio Paulo Rouanet.

¹⁹ - Walter Benjamin, (1940), “Sobre o conceito da História” em: WB, *Obras Escolhidas*, cit, volume 1: *Magia e técnica, arte e política*.

²⁰ - “Ao negar o efeito especial e miraculoso dessas obras, ao abandonar a alma à graça da fé, e ao considerar a esfera secular e política como um campo de prova para uma vida apenas indiretamente religiosa, e na verdade destinada à demonstração das virtudes burguesas, o luteranismo conseguiu sem dúvida instalar no povo uma estrita obediência ao dever, mas entre os grandes instilou a melancolia” (p.161).



Que sentido tinha a vida humana se nem mesmo a fé, como no calvinismo, podia ser posta à prova? (...) A própria vida protestava contra isso. Ela sente profundamente que não está aqui para ser desvalorizada pela fé. Ela se horroriza profundamente com a idéia de que a existência inteira poderia transcorrer dessa forma. Sente um terror profundo pela idéia da morte²¹.

A desvalorização da experiência da vida em nome da salvação, em Benjamin, conduziria ao fatalismo que está na origem da acedia, “indolência do coração” do melancólico. Retomando a teoria dos quatro temperamentos ligados aos quatro humores, o filósofo observa que o humor melancólico é o “complexo menos nobre”: o melancólico é “invejoso, triste, avaro, ganancioso, desleal, medroso e de cor terrosa²²”. Mas Benjamin considera também a tese atribuída a Aristóteles sobre a melancolia, no capítulo XXX de *Problemata*, onde se encontra o vínculo entre melancolia e genialidade. “O contraste entre a mais intensa atividade intelectual e seu mais profundo declínio” observado por Aristóteles a respeito da loucura de Hércules Aegyptacus, lembra ao leitor contemporâneo os contrastes extremos de humor da psicose maníaco-depressiva, hoje chamada pela psiquiatria de distúrbio bipolar.

Volto à relação entre melancolia e fatalismo. Na sétima tese sobre o conceito de história, Benjamin critica a tendência do historicismo, representada pelo historiador Fustel de Coulanges, a equiparar a história dos vencedores ao triunfo inevitável do Bem. Tal procedimento visa a anular toda a esperança de transformação do estado vigente da vida social. Se as formas de dominação impostas pelos vencedores da ocasião representam o triunfo do Bem, o que mais esperar do futuro? Qual o sentido, mesmo para os derrotados, de se pensar em um projeto de transformação? O mecanismo mental que sustenta tal conformismo é o da “identificação afetiva com os vencedores”, cuja origem é a “indolência do coração, a acedia, que hesita em apoderar-se da imagem histórica que lampeja fugaz²³”. Quem se beneficia do fatalismo historicista? “A identificação afetiva com os vencedores ocorre, portanto, sempre, em benefício dos vencedores de turno²⁴”, escreve Benjamin. O comentário de Löwy à Tese VII esclarece:

²¹ - ODBA, cit, p. 162.

²² - Idem, p. 169.

²³ - Walter Benjamin, “Sobre o conceito de história” (cit.) Tese VII pp. 222-232.

²⁴ - Idem, p 225.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A origem da empatia que se identifica com o cortejo dos dominadores encontra-se, segundo Benjamin, na *acedia*, termo latino que designa a indolência do coração, a melancolia. Por que? (...) A tese VII não explica de maneira alguma, mas é possível encontrar a chave do problema em *Origem do drama barroco alemão* (1925): a *acedia* é o sentimento melancólico da todo-poderosa fatalidade, que priva as atividades humanas de qualquer valor. Consequentemente, ela leva a uma submissão total à ordem das coisas que existem. Enquanto meditação profunda e melancólica, ela se sente atraída pela majestade solene do cortejo dos poderosos. O melancólico, por excelência, dominado pela indolência do coração – *acedia* – é o cortesão. A traição lhe é habitual porque sua submissão ao destino o faz sempre se juntar ao campo do vencedor²⁵.

Aqui sim, na identificação afetiva com os vencedores, encontramos uma relação entre a melancolia e a (auto) traição – a mesma que, segundo a intuição de Lacan, estaria na origem da culpa depressiva daquele que “cede de seu desejo”. A disposição fatalista a colocar-se sempre a favor dos “vencedores de turno”, identificados pelo artifício historicista como se fossem os detentores do Bem, leva o sujeito a “trair a própria via”, traição que Lacan projeta na origem da culpa depressiva.

No drama barroco, o personagem traidor é identificado com o cortesão. Se a indecisão do príncipe o lança na apatia e na *acedia*, a infidelidade é a causa da melancolia do cortesão.

Não se pode imaginar nada mais inconstante do que o cortesão (...) no drama barroco. A traição é seu elemento. (...) Seu comportamento inescrupuloso revela em parte um maquiavelismo consciente, mas em parte uma vulnerabilidade desesperada e lamentável a uma ordem de constelações calamitosas, tida como impenetrável, e que assume um caráter totalmente reificado. Coroa, púrpura e cetro são em última instância os adereços cênicos no sentido do drama de destino, e encarnam um *Fatum* a que se submete em primeiro lugar o cortesão,

²⁵ - Löwy, cit., o. 71.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

augure desde fado. Sua deslealdade para com os homens corresponde a uma lealdade, impregnada de devoção contemplativa, para com esses objetos²⁶.

É importante notar que o conceito de fatalidade melancólica começa a ser pensado por Benjamin no início de sua produção intelectual, a propósito do teatro barroco; continua nas considerações sobre os obstáculos à poesia lírica no século XIX e vai até seus últimos escritos, em que discute com os historicistas sobre o conceito da história. Tal percurso não me parece nada casual. A melancolia, tal como ela se manifesta na arte desde o período barroco – ou seja, na contra reforma – é entendida por Benjamin como tributária de uma determinada maneira de se interpretar a história. A construção de uma interpretação da história entendida do ponto de vista “dos vencedores” exigiria, nos termos da psicanálise, um procedimento de recalque da dívida simbólica em relação às lutas (derrotadas) dos antepassados destes mesmos vencidos, fascinados pelo cortejo dos poderosos. Sua famosa frase: “nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie²⁷” expressa perfeitamente o pessimismo de Benjamin em relação às ideologias do progresso (tão caras ao nosso tempo), que se sustentam à custa do esquecimento das vítimas da história. Para ele, mesmo a idéia de revolução é indissociável da recuperação do passado, pois não há emancipação que se sustente à custa do esquecimento (ou do recalque) das lutas e derrotas de nossos antepassados. Segundo Lowy, ao comentar a tese III:

A redenção, o Juízo Final (...) é então uma apocatástase no sentido de que cada vítima do passado, cada tentativa de emancipação, por mais humilde e “pequena” que seja, será salva do esquecimento e “citada na ordem do dia”, ou seja, reconhecida, honrada, rememorada²⁸.

As “Teses sobre a História” contém uma preciosa indicação a respeito do “objeto perdido” da melancolia benjaminiana. Este seria um objeto recalcado, sim; mas, à diferença da melancolia freudiana, em Benjamin este objeto inconsciente não seria a

²⁶ - Benjamin, *ODBA*, cit, p. 178.

²⁷ - Na tese VII (cit), p. 225.

²⁸ - Löwy, *Aviso de incêndio* (cit.), p. 55.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

mãe (do *infans*), mas as multidões derrotadas nas lutas que precederam à geração dos sujeitos que se identificam, de maneira fatalista, com o ponto de vista dos vencedores.

A partir da “traição” representada pela identificação com os vencedores, outros componentes do fatalismo melancólico seriam: o sentimento de que as ações humanas estariam privadas de valor, a deslealdade para com os homens em troca de lealdade para com os objetos signos de poder, a indolência fatalista ante um mundo vazio, a reificação das relações humanas. Nenhuma dessas condições da melancolia benjaminiana são estranhas ao sujeito contemporâneo.

Mas estas não são as condições da melancolia para a psicanálise, de acordo com a nomeação freudiana. A ruptura com o paradigma psiquiátrico introduzida por Freud a respeito melancolia nos força a abandonar este significante e substituí-lo por *depressão*, como novo nome do sintoma social contemporâneo. Este parece ser o nome mais adequado à expressão contemporânea do mal-estar, herdeira do que teria sido a melancolia pré-freudiana. Não existe substituição que nos poupe da perda. Ao trocar a denominação do “melancólico” pela do “depressivo” para manter a linha analítica que articulava a antiga melancolia ao sintoma social, parte do brilho e do valor atribuído pela tradição ocidental a esta forma de mal estar teve que ser deixado para trás. Tampouco os queixosos, os auto-torturados característicos da melancolia freudiana, fazem por merecer esta herança. É preciso admitir que a aura romântica, tanto reflexiva quanto criativa, (mal) equilibrada na tensa fronteira entre o gênio e a loucura – a aura dos antigos melancólicos – se perdeu. “Pode-se dizer que um traço característico do gênio poético é saber muito mais do que ele sabe²⁹”, escreveu Schlegel. Cabe-nos indagar a respeito do saber que se oculta sob os sintomas contemporâneos da depressão.

Os depressivos que buscam a clínica psicanalítica estão longe de pensar em si mesmos como gênios poéticos – ainda que, eventualmente, possam sê-lo. Mas é possível apostar que os depressivos, com sua falta de charme e apesar da contaminação psiquiátrica do diagnóstico, conservem em outros termos o mesmo tipo de saber inconsciente dos antigos melancólicos. Um saber sobre a inconsistência do Outro e a inutilidade de tentar servi-lo, pouco acessível ao neurótico quando as defesas

²⁹ - Fragmento atribuído a William Schlegel em: Schlegel, *Conversa sobre a poesia* (cit.) p. 103.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. *Escrituras de la Memoria.*

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

características da estrutura estão funcionando a todo vapor³⁰. É possível que os depressivos sejam os atuais portadores de um saber – pouco acessível na neurose – a respeito das condições contemporâneas do mal-estar. Daí a atualidade das depressões, herdeiras do que representou a melancolia até o surgimento da psiquiatria moderna e até que Freud deslocasse este significante para o terreno da vida privada, situando sua origem nos estágios primordiais da constituição do sujeito.

³⁰ - Uma das hipóteses sobre as ocorrências depressivas nas neuroses que pretendo desenvolver nos capítulos seguintes, é de que a depressão resulte da posição periclitante do sujeito no fantasma. Esta hipótese não é idêntica à desenvolvida por Mauro Mendes Dias (cit.), mas dialoga com ela.